

As sutilezas e as delicadezas que compõem o fazer psicanalítico¹

Beatriz Troncon Busatto²

Resumo: A autora tece comentários sobre a prática psicanalítica ressaltando a importância da observação e elaboração do universo sensorial nos atendimentos; para tal, apresenta duas sessões clínicas com as respectivas elaborações teóricas, apoiando-se no pensamento de W. R. Bion.

Palavras-Chaves: trabalho psicanalítico, observação, sensorialidade, pré-concepção.

Estas páginas são reflexões sobre o trabalho analítico e sua relação com o conhecimento teórico, tendo como base algumas observações clínicas que venho desenvolvendo. Vivo o exercício da escrita como uma possibilidade de acesso aos meus pensamentos ainda não muito bem estruturados que, certamente, refletem o meu fazer analítico, no qual estão implicados os atendimentos, as supervisões, os grupos de estudos, o estudo individual e as vivências na instituição psicanalítica.

Considero de suma importância que cada psicanalista encontre a sua maneira de pensar o trabalho, mas tal desenvolvimento pode ser dificultado, dentre tantas razões, pelo fato de termos à nossa disposição um leque amplo de teorias e observações de autores dotados de capacidades excepcionais. Ainda que este constante estudo dos autores nos desperte curiosidade e amplie nossos conhecimentos, é imprescindível que não nos tornemos meros reprodutores de suas concepções. Creio ser fundamental para o exercício de nossa profissão a possibilidade de gerarmos nossas próprias ideias. Digo isso porque temos, diariamente, um campo infinito que se abre em cada uma das sessões, em sintonia com nossos analisandos. E ainda temos a observação e coleta de nossas ideias, pensamentos, sonhos, pesadelos, fantasias, enfim, uma

1. Trabalho apresentado em reunião científica da SBPRP em 5 de março de 2015. Teve como comentadora a Sra. Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini, Membro Efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

2. Membro Efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

vasta produção mental; é assustador constatar que às vezes podemos nem notá-las.

Corremos o risco de limitarmo-nos a adequar, racional e intencionalmente, as múltiplas teorias psicanalíticas ao trabalho interpretativo com nossos analisandos, perdendo de vista o que está acontecendo na sutileza e na delicadeza das vivências com eles, o que também é muito perigoso já que assim nos afastamos da “verdade” ou do conhecer (Bion, 1977/1981). Por isso a necessidade de que nos treinemos para dar atenção ao que é sutil, delicado, nascente. Vou ilustrar, à seguir, estas considerações com dois trechos de material clínico.

Uma analisanda, logo no início de uma sessão, olha para o vidro de minha janela, que fica bem em frente, e vê um inseto que está do lado de fora junto com algumas gotas de água que sobraram da chuva, que caíra pouco antes. Ela chama a minha atenção para essa imagem, dizendo que parece uma pintura abstrata. O formato da janela da sala, que é quadrada e não muito grande, a moldura do vidro, que é preta, a cor escurecida do vidro, que no horário da sessão acentua uma tonalidade azul acinzentada, parece, de fato, uma bela pintura. Ocorre-me, prazerosa e vagamente, obras de pintores modernos, Kandinsky, Miró, e depois, Sérgio Fingermann, já que havia várias manchas e pontos que, em minha mente, poderiam ora se reunir e ora se dispersar. Tudo se passa muito rápido e eu me enlevo em tal ideia, num estado preparatório para novos pensamentos. Ao mesmo tempo, me sinto receptiva para as associações que, imaginei, pudessem vir da analisanda. Depois de alguns segundos em que estamos em silêncio, ela diz: - “ah, eu tenho umas ideias muito bobas!”.

Introduz um outro assunto sobre seu trabalho num escritório, numa atitude que indicava que naquele novo tema é que estaria a parte importante da conversa. Em contraste com o momento anterior, surgiu um assunto prático, bastante real! Eu me via ainda olhando para aquela imagem, desapontada, com pena de que aquele sonho, já compartilhado, não fosse desenvolvido um pouco mais. Digo à paciente: - Estava tão legal a ideia da pintura, não vamos explorá-la mais? Eu imaginei um quadro modernista, e você?

Ela: - ah, foi uma ideia boba...

Pergunto: - por que pensa assim?

Ela: sei lá...

Digo: - A gente nem sabe ainda o que poderia vir depois dessa sua visão da pintura na janela...

Após o diálogo a analisanda volta ao que estava falando, ao assunto do escritório, e não falamos mais do acontecimento inicial. Ela descreve o que fez no dia anterior, comentando que respondeu alguns e-mails, que tinha feito uma revisão de alguns textos, direcionando-se a um momento passado de sua vida (o dia anterior). Tais descrições não despertaram nada de especial em minha mente; nesse momento, a linda pintura abstrata *vista* na janela voltou a ser apenas um pedaço quadrado de vidro com uma moldura de metal preto. De vez em quando, durante a sessão, eu olhava para a janela procurando aquela visão e aquela sensação que tive. A paciente havia começado a nossa conversa “sonhando” alguma obra de arte a partir do impacto visual que teve ao entrar, mas, seguramente, por motivos ainda obscuros, não foi possível o desenvolvimento daqueles elementos, tendo a conversa refluído a um assunto referente ao passado, mais conhecido.

Além da surpresa (e frustração) que senti no momento do diálogo que reproduzi, uma série pouco organizada de lembranças de sessões antigas me ocorreu, ao mesmo tempo em que ela continuava relatando o que tinha feito no dia anterior. Seu nascimento prematuro, sua crença de que foram seus pés que chutaram a placenta e que ocasionaram o seu parto aos 6 meses de gestação, com iminência de morte. Lembrei ainda de um relato de que sua mãe teve tanto trabalho e angústia com ela, que decidiu nunca mais ter filhos. Além disso, fiquei com o sentimento incômodo de uma repetição destas ocorrências no trabalho com ela, de um *não-desenvolvimento* de ideias, de obstáculos ao sonhar, e da repetição dos mesmos assuntos e emoções.

Em particular, fiquei com a indagação sobre as possíveis razões que teriam contribuído para que elementos da sensorialidade ficassem bloqueados ou inutilizados. Por que novos pensamentos não nasceram, não cresceram e não se desenvolveram, apesar de haver uma rica “matéria prima mental”? Registrei ainda um movimento

referente às minhas emoções, que eram, no início da sessão, de disponibilidade, mas, em seguida, se transformaram em desânimo.

A discussão deste material com colegas, colocou-me uma nova questão: essa paciente poderia ter a necessidade de uma rapidez muito maior de resposta às suas manifestações! A espera de uma resposta minha ao seu sonhar pode ter sido grande demais, tendo ocorrido um fenômeno mental de desencontro, não tolerado naquele momento por essa pessoa. Teria sido necessária a prontidão própria de uma mãe de um bebê prematuro, em que a fragilidade e as necessidades eram de outra natureza, se comparadas às de um bebê nascido a termo. Não havia tempo/espço para sonhos mais sofisticados, era preciso uma presença constante e muito colada, do tipo *mamãe cangurú*. E mais: possivelmente a analisanda também não pôde tolerar, no momento apresentado, as ocorrências intrasubjetivas minhas.

Imaginei que mesmo que eu ainda não tivesse uma formulação para oferecer no momento, uma interjeição que eu tivesse feito, algum comentário neutro, qualquer manifestação verbal minha, poderia ter evitado que esse refluxo ocorresse. Nunca saberei. No entanto, em momentos posteriores, creio ter encontrado uma postura de maior prontidão às suas manifestações, estando mais consciente e atenta a elas, conforme o trecho a seguir.

A paciente chega, olha um vaso do consultório e, ao deitar-se, diz: - está tão linda a cor daquelas florzinhas...

Respondo: - vc gostou?

- Sim, estão lindas!

- Então vc está tendo a condição de se encantar ao ver as flores!

Ela: - pensei na hora: que cores eu preciso misturar pra fazer uma cor igual a esta.

Digo que achei interessante que estava havendo esse movimento, de primeiro ela se encantar com o que viu nas flores e, em seguida, o desejo de reproduzir o que viu.

- Mas estou tão passiva que faz séculos que eu não pinto nada, nem sei porque

pensei em cores, não vou fazer nada mesmo...

Eu: - mas o movimento aqui foi interessante. Primeiro o encantar-se com o que viu, e depois, o querer reproduzir. Poderia ser um jeito de você reter essa coisa que te encantou.

Fica em silêncio um pouco e fala algo que indica ter entendido que eu a estava acusando de querer possuir a flor. Diz: - eu acho negativa essa coisa de posse. Percebo que a conversa se fecha. Reforço à paciente que tinha acontecido algo que tínhamos observado juntas. E acrescento que ela queria saber como era o mecanismo de criar alguma coisa e poder realizar a sua criação também!

Ela responde que quando pensava em misturar cores, queria saber como Deus fez aquela cor.

Digo: - acho que você quer criar alguma coisa, mas quer entrar nesse processo (ênfase). Talvez saber como eu criei o que disse a você, como foi que eu pensei nisso que disse, como foi que eu usei as minhas ideias.

Ela diz que quando se mudou para a nossa cidade, e a partir de então ficaria longe de casa, queria pintar o céu no teto de seu novo quarto. Assim poderia ficar olhando para o céu.

Digo que o céu pintado não era o céu de verdade e brinco dizendo que era fácil da cabeça, às vezes, misturar as duas coisas.

Nesse momento ela parece aceitar o que eu disse e ri.

Eu: - você queria ter aqui em Ribeirão alguma coisa boa lá da casa dos seus pais. Nesse caso, possuir pode ser legal!

Ela diz que sim; lembra que teve medo de vir prá cá, e que queria algo que a lembrasse de coisas boas.

Nesse momento me sinto autorizada a dar mais um passo, e digo que quando sente que a critico, se fecha e fica pessimista. Acha que não vai criar mais nada. Aquela alegria inicial some.

Digo que minha aproximação com ideias estranhas às dela, nem sempre era bem vinda, nem sempre dava certo.

Ela responde que parece que a consciência dela se fechava e seu pensar ficava como se estivesse num quatinho cada vez menor, e que ficava com muita raiva.

Coloco uma nova ideia que seria a de que era difícil não ser tudo criação dela. Que dependia da criação de outras pessoas também. Ela aceita e interroga: - será que às vezes quero ser Deus? Ri.

Durante essa sessão foi perceptível momentos em que a conversa fluía, mas isso dependia muito de eu não fazer nenhum comentário com que se sentisse criticada. Houve momentos em que a vi fazendo generalizações pessimistas, indo ao passado: - “eu sempre faço tal coisa errada”, “em tal época eu não concluí o curso X”. Pude mostrar isso a ela, e ela pôde sair desse estado e voltar a ter curiosidade sobre as ocorrências do próprio encontro, numa oscilação constante. O elemento novo é que tive um insight de que era fácilimo entrar num espírito de juntar-me a ela nessas críticas, estando mais atenta ao que ocorria comigo.

Eu disse que a obra de arte que ela faria seria apenas uma expressão das impressões dela, registradas na pintura. Mas não seriam as flores propriamente ditas. No entanto, as impressões dela eram muito importantes, pois eram as criações dela.

A sessão concentra-se num trabalho que tenta esclarecer as confusões que ela faz entre suas impressões e a realidade. Entre o que existe independentemente dela (ou o que existe porque as pessoas criam), e o que ela própria era capaz de criar.

Também vimos os fatores que a levam a se fechar. Ficou bem claro que a aproximação inicial a ameaçou, gerando perseguição.

Conforme vamos esclarecendo essa questão, ela percebe que se sente criticada em grande parte do seu dia, ou quase que o tempo todo, por qualquer pessoa. Ela interroga se isso não poderia ser a causa da raiva que sente, muitas vezes sem um motivo que ela consiga identificar. Lembra que quando tem que cuidar das coisas de sua vida prática, como o trabalho, casa, relacionamentos com amigos e família, fica com muita raiva. Ou seja, isso ocorre o tempo todo!

Durante boa parte da sessão, quando fica tranquila e mais próxima, ela brinca com a pontinha do travesseiro em que se deita, o que me faz pensar numa criança

brincando com o seio da mãe ou com os cabelos da mãe, com o rosto da mãe, etc.

Terminamos a sessão com um pensamento mais estruturado: as pessoas podem sentir ódio de fazer qualquer coisa, inclusive de pensar, se elas acharem que estão sempre fazendo algo errado, que deveria ser feito de outro jeito.

Primeiras impressões

Creio que o momento analítico que acabo de descrever ilustra alguns paradoxos implícitos nas dificuldades de se trabalhar com a mente, além de levantar algumas questões técnicas:

- Se fico aguardando mais associações minhas e dela, ela não sente que estou fazendo associações em referência à pessoa dela, e sim, que estou ausente, o que faz com que se sinta desamparada e com raiva, apegando-se a alguma coisa mais conhecida. Mas... e se eu me aproximasse muito rapidamente e fizesse alguma intervenção, esta não poderia ser prematura e trazer fechamento por não dar tempo suficiente para a analisanda pensar por seus próprios meios?

- a analisanda despreza suas produções e acha que deveria fazê-las de outro jeito porque acredita ser desprovida de recursos, o que justificaria um roubo do que os outros criam. Ou então, estaria sempre fazendo suas criações de um modo tido como errado, porque não estava conectada à sua própria maneira, mas sim, ao jeito imposto a ela por outras pessoas (originalmente os pais ou a realidade de ter nascido antes da hora), que não favoreceram que ela encontrasse sua singularidade?

- como introduzi-la às alternâncias de emoções do tipo: empolgação versus desânimo/pessimismo?

Estas conjecturas expressam algumas das muitas demandas que temos em saber, a cada sessão, a cada momento, qual vértice escolher para iluminar e observar; se iremos lidar com elementos voltados mais à criatividade ou mais à inveja, se há crenças e/ou teorias saturadas de significado (tanto do paciente como do analista), qual uso faremos de experiências sensoriais ou de emoções. Tais aspectos, aqui colocados muito simplificadamente delinham o que é a complexidade de nosso ofício

e as dificuldades nele implicadas. Porém, valorizam a instigação que a Psicanálise nos causa e as posturas que precisamos desenvolver para dela tirar proveito, contraindo com nossos analisandos, abrindo novas perspectivas de desenvolvimento na área e tolerando a ignorância sempre presente.

Bion localiza o nosso ofício de uma forma com que me identifico demasiadamente:

“O âmbito do psicanalista está situado entre o ponto onde um homem recebe impressões sensoriais e o ponto onde ele dá expressão à transformação que ocorreu. Os princípios desta investigação precisam ser os mesmos, seja lá qual for o veículo, pintura, música, matemática, escultura ou um relacionamento entre duas pessoas, e seja expresso verbalmente ou por quaisquer outros meios. Estes princípios precisam se determinar de tal modo que permaneçam constantes independentemente da transformação ter ocorrido em uma mente sã ou insana”. (Bion, 1965/2004, p. 62).

Algumas considerações sobre a pré-concepção

Nas sessões apresentadas, os acontecimentos clínicos que descrevi possuem uma qualidade regressiva intensa e uma perenidade, que, somadas ao empobrecimento geral da personalidade da analisanda, estimularam em mim a pesquisa de hipóteses que contemplassem aspectos mais iniciais na formação do mundo mental. Para tal, vou me basear nos estudos da obra de Bion, que venho empreendendo já há algum tempo. Dada a grandeza do pensamento deste autor, em contraste com as dificuldades que tenho em apreendê-la, adianto que só posso me situar em alguns poucos pontos; entretanto, espero que possam ser fonte de reflexão sobre este atendimento e, também, de uma maneira mais geral, sobre a prática psicanalítica. Pensando nas pré-concepções para Bion, haveria algo próprio do ser humano que está sempre em estado de expectativa, buscando algum tipo de realização. Em sua formulação do Objeto Psicanalítico, o autor busca representar um modelo mental

em funções complexas: pré-concepção e realização, provendo a experiência emocional, somadas ao caráter inato da personalidade, levam a incontáveis caminhos mentais, que se refletem na maneira como um indivíduo responde psiquicamente ao que ele julga ser sua relação com outros seres humanos (Bion, 1962/1980). A insaturação neste processo refere-se àquilo que é capaz de acumular significados. Já a saturação refere-se a formulações com qualidade de crença, e também a formulações envolvidas com a formação de conceitos (Bion, 1963/2001). As possibilidades do suceder psíquico estão intimamente ligadas às experiências em si, e estas, ao aprendizado. São, portanto, singulares, únicas de cada indivíduo.

A ideia de uma pré-concepção inata foi “herdada” de Melanie Klein (Hinshelwood, 1992) e antes dela, Freud também se voltou para algo semelhante, introduzindo a noção de experiência filogenética na análise do Homem dos Lobos (Freud, 1914/1918/1976). Esta explicaria o sonho da cena primária, de tal forma que não seria relevante a criança ter ou não presenciado a relação sexual dos pais para fornecer elementos para o seu sonhar.

Bion amplia ambas as hipóteses; em seu pensamento sobre as pré-concepções irá integrar o componente inato, ampliar o conceito de inconsciente freudiano e ainda incluir a dimensão edípica (Chuster, 2009).

Apoio-me também na hipótese de Chuster (2011), que concebe uma mente pré-natal, que está imersa em ritmos do espaço intrauterino, implicados no desenvolvimento dos sentidos da audição, olfato, tato, cinestesia e visão. A mente pré-natal é o que prepara o indivíduo para depois do nascimento. Já a mente pós-natal poderia ser expressa, segundo o autor, por uma sucessão de conjuntos relativos ao percurso da libido humana pelas zonas erógenas, que correspondem à realização, estando envolvida com a formação de símbolos. Entre a mente pré e pós-natal há uma descontinuidade, uma cesura; a partir do nascimento, as pré-concepções sofrem a ação da experiência, na realização. A função alfa começa a operar. Experiências emocionais começarão a ser vividas havendo infinitas possibilidades de se preencher uma moldura espaço/tempo delimitada pela realização. Também são infinitas as

possibilidades da mente se direcionar à formação de símbolos, de aprender pela experiência, de pensar e de obter crescimento psíquico, quando estes processos ocorrem.

Na mesma obra (Chuster, 2011) o autor desdobra a realização em dois passos: um primeiro, que passaria, necessariamente, pela formação de concepções e crenças; este nível, influenciado por um potencial narcísico³, poderia favorecer expressões psíquicas com qualidade de crenças, que como tal permanecerão e se enraizarão. Caso o potencial narcísico não seja tão determinante, as crenças se formarão e evoluirão para o segundo passo da realização, em que concepções guardam valor de pré- concepção, aumentando as probabilidades de aprender e de criar.

Faço a conjectura para as sessões em questão, de uma mente embrionária que precocemente recebeu realizações; também precocemente saturou a moldura espaço/tempo, não havendo espaço/tempo para a expectativa e para o surgimento de emoções. É fácil perceber que essa situação está ligada a um fundamentalismo, com sua condição paralisante: um aferrar-se a inverdades mesmo que as experiências as refutem. Aliás, o que ocorre é que a experiência pode até mesmo ser dispensada e nem sequer ser considerada como necessária ao pensamento/crescimento. Já se “sabe” tudo antes mesmo de experimentar.

Isso nos remete a certos aspectos da Identificação Projetiva, em que observamos o indivíduo preenchendo o seu pensar com uma crença sobre a outra pessoa, sobre si e sobre a relação estabelecida, com elementos que não são representativos da verdade; com isso reduz muito as possibilidades de enriquecimento pelo contato verdadeiro e íntimo com o objeto e com a realidade. Mas esses movimentos são, também, comunicações!

Criações

Em trabalhos anteriores (Busatto, 2013) expressei interesse em como as manifestações do campo sensorial humano dão origem a sonhos, ideias, ou algo que

3. Estou usando este termo para auxiliar-me a descrever a ideia do autor. Refere-se ao que Bion empregou como (M) em sua formulação matemática representativa do Objeto Psicanalítico; corresponde ao caráter inato da personalidade.

coloca em um movimento alguma atividade mental direcionada ao pensar. Um psicanalista é o indivíduo que está apto, por sua experiência, a ter plena convicção de que o encontro analítico é o terreno privilegiado para observarmos algo que nomeio livremente de *momento Michelangelo*, como o dedo de Deus na famosa pintura A Criação de Adão.

Na situação clínica que apresento, dentre muitos aspectos do referencial teórico a que me refiro, vale destacar uma inspiração de “*Aprendiendo de la Experiencia*”, que se refere à rêverie materna, à pré-concepção, à função alfa e à experiência emocional. Bion diz que a necessidade do peito por parte do lactente pode ser um sentimento equivalente ao peito mau. Esta é uma experiência emocional desagradável, dolorosa, porque podem estar associados, uma pré-concepção e um elemento β . Diz ele:

“O bebê poderá expulsar esse elemento beta e firmar as bases para a incapacidade de pensar ou aceitar esta justaposição, tolerar a frustração intrínseca e assim estar em processo de função alfa, produzindo elementos alfa⁴” (Bion, 1962/1980, p.60).

A rêverie materna, enquanto um fator da função alfa da mãe, é fundamental nesses processos que estão num delicado limiar entre uma futura capacidade de simbolização ou um caminho rumo à psicose. Lembro ainda que Bion considera as imagens visuais como elementos que guardam uma reminiscência da experiência emocional durante a qual se formou um elemento alfa havendo a possibilidade de que esses elementos sensoriais possam ser captados pela mãe e “trabalhados” por sua rêverie (Bion, 1962/1980). O uso que faço de tais considerações é que elas reforçam a percepção que já temos de que aspectos da dupla sempre serão decisivos num trabalho analítico.

Dos desenvolvimentos do pensamento de Bion, dou ênfase às hipóteses de mente-pré e pós-natal de Chuster (2011). Pensando nas vivências das sessões relatadas, apresenta-se algo que aponta para a cesura, mas este caminho está preenchido pelo desastre. Desse modo consigo ver, até o momento, o que chamei de refluxo

4. Tradução da autora.

dos pensamentos nas sessões, bem como os de sentimentos de frustração e de raiva, sejam da parte da analisanda, sejam de minha parte.

Encerro este ítem com uma observação no sentido de treinarmos-nos para um trabalho livre de memória, desejo e compreensão, de forma que assim: “torna-se mais provável observar aspectos muito primitivos (ritmos, sons vagos, odores, movimentos corporais, alterações de temperatura, sinais na pele, etc.) que podem estar conectados com a existência da mente embrionária que, diga-se logo, persiste mesmo após o nascimento” (Chuster, 2012, p.1).

Para muitos analisandos é esse o universo que precisa ser acessado preferencialmente. Mas tal acesso só irá ocorrer se a postura do analista valorizar essas manifestações, mantendo-se aberto a elas, já que podem ser muito sutis e acontecer muito rapidamente.

Dados do caso clínico

Deixei, propositalmente para o final, outras observações sobre o trabalho com essa paciente. Pensei que, ao apresentá-las aqui, pouparia o leitor de intromissões de hipóteses diagnósticas (Bion, 1977/1981) ou de memórias (que são minhas) no raciocínio que eu queria apresentar. Desta forma, o trabalho completo poderá ser relido com novo olhar.

Atendo essa moça há muitos anos. Uma de suas características mais marcantes é uma conjugação de sentimentos de pessimismo e desespero. Seus comentários e atitudes frente ao que me conta que vai vivendo são frequentemente do tipo: - “eu sei que não vou conseguir fazer tal coisa, sei que tal coisa nunca vai dar certo, sei que não vou passar em tal concurso”. Observo nela um fechamento constante para ideias novas e um tipo de pensamento em que tudo já é sabido, previsível, facilmente demonstrando desinteresse com as surpresas que o fantasiar e o imaginar poderiam lhe proporcionar. Quando o faz, acaba presa em ideias obsessivas que terminam por atormentá-la. A atividade psíquica, em sua variabilidade de expressões, está muito reduzida. Em consequência, vejo uma pessoa com um empobrecimento geral

da personalidade, mesmo reconhecendo nela muitas capacidades. Aspectos da sua sensorialidade, sejam os táteis, os visuais e os auditivos, são bem visíveis na sessão.

Outra constante é a sua procura por cursos cujo interesse surge sem uma conexão aparente com suas demais atividades. Repentina e interruptamente, desejos e pensamentos sobre eles passam a ocupar sua mente. Nem sempre os inicia, e, quando o faz, quase sempre os interrompe.

Essa moça tem um gosto especial pela pintura e pela literatura. Participa de atividades em alguns museus, em mais de uma cidade, e também produz trabalhos de pintura e técnicas mistas de artes plásticas que traz para que eu conheça ou então para me presentear. Creio que a memória referente a este dado em particular foi a responsável pela minha surpresa em ela não ter explorado mais a imagem que ela visualizou no vidro, no primeiro trecho de sessão citado.

Acrescento a estas informações que a analisanda verbaliza que não se sente parte do mundo. Por muitas vezes ela me dá a impressão de alguém que está vagando...

Recordo-me aqui de uma sessão, que foi um horário extra solicitado por ela, que pode ilustrar este estar à parte, e também o desespero:

Ela chega falando que sentiu-se à deriva desde que uma amiga foi abandonada pelo noivo. O rapaz sumiu, poucos dias antes do casamento. Conta que entrou de cabeça nessa situação, que parecia até que era com ela. Ficou perturbada, só pensava nesse acontecimento – havia me mandado várias mensagens contando sobre a situação. Conta que levou almoço para a amiga nos últimos dias e sentiu que se fosse com ela, estaria despedaçada. Parece saber o que aconteceu com o moço, faz comparações consigo e com suas antigas tentativas de suicídio, ou com tantas coisas que já abandonou.

Ao chegar naquela sessão contou-me que veio à sua cabeça uma imagem, que ela julgava que era exagerada, porém, pertinente: ela se via no mar à deriva e, ao deitar no divã, via a terra firme. Essa observação, que a mim pareceu ter um conteúdo esperançoso de nossa parceria, era dita com muita angústia.

A conversa na sessão sobre a mistura dela com os problemas dos outros, como

se fossem seus, ou de viver as suas emoções projetando nas pessoas, parecia não render muita coisa, porém senti que precisava falar algo para acalmá-la! Felizmente, num ponto da conversa, me veio à mente uma cena do filme A Lista de Schindler, na parte em que uma menina pequena está vagando pelo gueto enquanto ocorre a invasão pelos nazistas. Seu vestidinho é a única coisa colorida naquele ponto do filme. Ela vaga por todos os lados, desprotegida, procurando, sabe-se lá o quê: a mãe, um adulto, um lugar, uma mente? No ambiente de terror e brutalidade de tudo à sua volta, ela anda como se nada estivesse ocorrendo... Mas nós que assistimos a cena, ficamos petrificados e impotentes, esperando que aconteça o pior... Nesse momento da sessão, a manifestação sensorial, o flash onírico, ajudou-me a retomar o que precisava ser pensado e colocado em palavras. Falei do desastre dela não perceber minha presença, e também não perceber quem ela era. E do desastre da ausência de um casal que pudesse protegê-la de dores terríveis, do medo, do abandono... Ela então se acalma e outros panoramas se abrem. Saímos do paradoxo de ora ela não fazer parte do mundo das pessoas (ou de minha mente) e ora ela querer entrar forçadamente na mente das pessoas (ou em minha mente). Ficou evidente, mesmo que por pouco tempo, que poderia haver outras formas de estarmos juntas, trabalhando e pensando.

Esta minha analisanda - tentando não enquadrá-la nos lugares comuns que temos para classificar as pessoas que atendemos - é uma sobrevivente. Em sua existência sofrida encontrou maneiras próprias de abafar e de eliminar aspectos seus para os quais, muito provavelmente, suas primeiras relações não propiciaram desenvolvimento. Padece de limitações grandes em seu funcionamento mental.

Observo que o trabalho que escrevi resultou mais em especulações do que em conclusões. Isso desperta, ao mesmo tempo, inquietação e alegria. Posso resignar-me às angústias de um ofício que, quanto mais o exercemos, mais nos deparamos com incertezas! Para isso tenho que tolerar o sentimento de estar diante do infinito de possibilidades de nossas mentes (e não num campo de concentração, território de crenças delirantes e do extermínio do universo humano).

Creio que refletir sobre esse atendimento reforçou em mim a consciência de que nosso trabalho requer que tenhamos um olhar muito atento e perspicaz, respeitando sutilezas e delicadezas extremas, das quais facilmente podemos não nos dar conta. Termino afirmando que é possível exercer este ofício impossível, desde que aceitemos que o fazemos, muitas vezes, na tensão criada entre as posturas que descrevi. Sempre na cesura, no movimento, no novo equilíbrio a ser alcançado, na verdade a ser buscada.

The subtleties and the delicacies that make up the psychoanalytic practice

ABSTRACT: The author makes comments on the psychoanalytic practice pointing out the importance of the observance and elaboration of the sensorial universe in the attendances; in order to do that, she presents two clinical sessions with the respective theoretical elaborations, relying on W. R. Bion's thinking.

KEYWORDS: psychoanalytic work, observation, sensoriality, pre-conception.

Las sutilezas y las delicadezas que componen el hacer psicoanalítico

RESUMEN: La autora hace comentarios sobre la práctica psicoanalítica, resaltando la importancia de la observación y elaboración del universo sensorial en los servicios; para tal, presenta dos sesiones clínicas con las respectivas elaboraciones teóricas, apoyándose en el pensamiento de W. R. Bion.

PALABRAS-CLAVE: trabajo psicoanalítico, observación, sensorialidad, pre-concepción.

Referências

Bion, W. R. (1980). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1962)

_____. (2001). A grade. *Revista de Psicanálise de Porto Alegre*, 8(2), 2001. (Trabalho original publicado em 1963).

_____. (2004). *Transformações. Do aprendizado ao crescimento*. Tradução de Paulo Cesar Sandler. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965).

_____. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2). (Trabalho original publicado em 1977)

Busatto, B. T. (2013). *Movimentos em direção a cantar, compor e interpretar*. Trabalho apresentado em reunião científica da SBPRP em 11 de setembro de 2013.

Chuster, A. (2009). *O Objeto Psicanalítico*. Coleção memória da psicanálise: Bion. Vol. 6. São Paulo: Duetto Editorial.

_____. (2011). *O Objeto Psicanalítico: fundamentos de uma mudança de paradigma na psicanálise*. Porto Alegre: Edição do autor.

_____. (2012). *Imaginação Radical*. Conferência proferida no evento *Transformações* em Ribeirão Preto, realizado pela SBPRP em 15 de junho de 2012.

Freud, S. (1976). História de uma neurose infantil. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914/1918).

Hinshelwood, R. D. (1992). *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Trad. J. O. A. Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas.